

AMOR LÍQUIDO E AMOR *CARITAS*: VISÃO DA LOGOTERAPIA SOBRE RELAÇÕES AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE

*Esp. Prescilla Rocha de Sousa**
*Profa. Ms. Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo Rocha***

Resumo

Nas sociedades contemporâneas, a dimensão do amor se mostra em ampla variedade de modelos e práticas que convivem e, muitas vezes, são antagônicos. Recentemente, desenvolvimentos econômicos, tecnológicos e culturais propiciaram o surgimento de uma influente forma de amor, que Bauman definiu como "líquido". Na sociedade brasileira, além do crescente impacto do "amor líquido" nas relações, evidencia-se, também, como resultado da influência milenar do cristianismo, outro tipo relevante de amor, que Bento XVI distinguiu como "*caritas*". De forma a contribuir para melhor compreensão da complexa dinâmica psicológica das relações humanas afetadas pelos modelos e práticas dos tipos de amor líquido e amor *caritas*, realizou-se um estudo comparativo entre ambos. A metodologia empregada nesta pesquisa qualitativa foi fundamentada na Análise de Conteúdo, autoria de Bardin, da literatura de Bauman e Bento XVI. A análise categórica revelou-se eficaz para evidenciar características constantes dos conceitos de amor, seus significados e relações. As categorias comparativas que emergiram, tendo como meio de análise o referencial teórico-vivencial da Logoterapia, evidenciaram-se relevantes para os objetivos desta pesquisa: liberdade, responsabilidade, sentido de vida, capacidade de sofrimento, abertura ao transcendente, dinâmica de amor, capacidade de se vincular, alteridade e o próprio conceito de amor.

Palavras-chave

Amor Líquido. Contemporaneidade. Amor *Caritas*. Logoterapia.

Abstract

In contemporary societies, the dimension of love comes in a wide variety of models and practices that coexist and, often, are antagonistic. Recently, economic, technological and cultural developments led to the emergence of a new and influential form of love that Bauman has defined as "liquid". In the Brazilian society, besides increasing impact of "liquid love" in relations, it is also evident, as the result of the influence of ancient Christianity, a relevant presence of another kind of love that Benedict XVI has distinguished itself as "*caritas*". In order to contribute to a better understanding of the complex psychological dynamic of

human relations affected by models and practices of “liquid” / “caritas” loves, we carry out a comparative study between both. The methodology used in this qualitative research was based on content analysis of literature of Bauman and Benedict XVI. The categorical analysis proved to be effective to highlight the features present on the concepts of love, their meanings and relationships. The theory of logotherapy was used as referential approach to support the research. The comparative categories that emerged showed relevant to the objectives of this research: freedom, responsibility, sense of life, capable of suffering, openness to the transcendent, dynamic love, ability to bind, alterity and the concept of love.

Keywords

Liquid love. Contemporaneity. Love caritas. Logotherapy.

1 Introdução

Com grandes progressos tecnológicos, o paradigma das relações virtuais prevalece sobre os vínculos humanos nos moldes tradicionais. Há uma transposição da lógica das relações de consumo para o relacionamento amoroso (BAUMAN, 2004). Assim, a sociedade pós-moderna oferece novas formas de relacionamentos amorosos.

No Brasil, percebem-se as consequências de tais mudanças, por meio do aumento do número de casais em união estável, dos divórcios, do controle da fertilidade, da diminuição do número de filhos, da desorganização familiar e do surgimento de novas configurações familiares (PAREDES, 2006). Com uma economia capitalista e em ampla expansão tecnológica, o Brasil participa, de forma única, das repercussões que o relacionamento, permeado pelo paradigma do amor líquido, traz para a família e a sociedade em geral.

E, com isso, cresce o número de pacientes nos consultórios e “não admira que os ‘relacionamentos’ estejam entre os principais motores do atual ‘boom do aconselhamento’. A complexidade é densa, persistente e difícil demais para ser desfeita ou destrinchada sem auxílio”. (BAUMAN, 2004, p.9).

Objetiva-se, portanto, por meio desta pesquisa, compreender o significado e a extensão dos conceitos de amor líquido, de Bauman, e de amor caritas, de Bento XVI. Realizou-se um estudo comparativo entre os dois conceitos, do qual emergiram categorias que se mostraram relevantes para o objetivo traçado. Aplicou-se o método da Análise de Conteúdo, autoria de Bardin (1977), e considerou-se o referencial teórico da Logoterapia como ferramenta para fundamentar a análise e considerações.

2 Percurso Metodológico

Nesta investigação, optou-se pela abordagem qualitativa, pois é concebida como “um esforço na busca de formas diferentes de produção de conhecimento em psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica”. (REY, 2002, p. 29). Então, a pesquisa qualitativa visa a comparar, contrastar, catalogar, classificar o objeto de estudo em questão, por meio de processo interpretativo (ROCHA, 2009).

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de revisão narrativa de literatura que, mediante a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), suscitou categorização de características dos conceitos abordados, a fim de elucidar seus significados. A Análise de Conteúdo representa um conjunto de técnicas para analisar comunicações, destrinchando as mensagens concernentes às respectivas comunicações e detectando características do material estudado (ROCHA, 2009). Importante é ressaltar que “[...] é este o princípio da análise de conteúdo: consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação”. (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 214).

Em termos gerais, a Análise de Conteúdo pode ser definida como conjunto de instrumentos metodológicos que têm como fator comum uma interpretação controlada, baseada na inferência. Esse conjunto de técnicas de análise visa a obter, por meio de procedimentos sistemáticos, indicadores quantitativos ou qualitativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos à produção de significados. Em última instância, é um esforço de interpretação que oscila entre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade (LAVILLE e DIONNE, 1999).

A primeira etapa da pesquisa consistiu em leituras e releituras de textos representativos dos dois conceitos de amor, a fim de se realizar o estudo comparativo. A seleção das características representativas dos referidos conceitos se deu, inicialmente, com base em princípios tratados pela Logoterapia, expediente teórico-vivencial de análise, bem como de aspectos que emergiram dos conceitos estudados: amor líquido e amor *caritas*. Finalmente, realizou-se uma organização/agrupamento dos elementos de conteúdo em cada categoria para melhor caracterizá-las. Para esta pesquisa, foi escolhido o modelo misto de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), o qual consiste em se ter algumas categorias fixas no início da pesquisa, mas com a liberdade de modificá-las em função do andamento da análise dos dados.

A Logoterapia revelou-se referencial teórico relevante para este estudo porquanto considera a dimensão espiritual do ser humano chamada, por Frankl (2003), dimensão noética. Com base nesta teoria, foram elegidas as quatro primeiras categorias de análise: liberdade, responsabilidade, sentido da vida e capacidade de sofrimento. No decorrer da análise dos dados, em razão da sua abrangência, foram eleitas mais cinco categorias para exame: abertura ao transcendente, dinâmica do amor, capacidade de se vincular, alteridade, além da própria definição de amor (conceito).

3 Amor líquido: panorama das relações amorosas contemporâneas

Um dos maiores desafios da contemporaneidade consiste na manutenção dos relacionamentos (PAREDES, 2006). Posições narcisistas e o individualismo reinante, dentro de um mundo fragmentado, sem referências e em alta velocidade, afetam diretamente o cotidiano das pessoas, trazendo interferências negativas, em especial, nos relacionamentos (BAUMAN, 2011).

Perdeu-se a referência do que é o amor e de como gerir as relações amorosas, pois “[...] em nosso mundo de furiosa individualização, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro.” (BAUMAN, 2004, p. 8). Ainda de acordo com Bauman (2004), esse é um desafio que precisa ser descrito e estudado – a fragilidade dos vínculos humanos e sua inata contradição de apertar os laços ao mesmo tempo em que se quer tê-los frouxos.

Vive-se um período histórico único, a Pós-Modernidade, em que o ser humano se vê envolto por profundas transformações na Economia, na Sociedade, na Política, e, como não poderia deixar de ser, nos relacionamentos. Há um destaque do individual em detrimento do social, uma exacerbação da competitividade, o enfraquecimento do Estado, o aumento do número dos divórcios (BAUMAN, 2011).

Como consequência dessa crise, provocada pelo contexto histórico atual, é expressa a dificuldade do ser humano em lidar com a complexidade que o termo amor adquiriu depois de tantas transformações. Hoje, para muitos, o vocábulo amor se resume a um sentimento supérfluo e, portanto, passível de substituição. Essa maneira de conceber o amor acarreta novas formas de relacionamentos: entre as pessoas, no vínculo da pessoa com o transcendente, entre as pessoas e a matéria, e na relação da própria pessoa

com seu mundo interno. Todo esse desafio em saber e aprender o que é amar reside no paradigma em que está ancorado o amor pós-moderno.

A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. (BAUMAN, 2004, p.11 e 12).

Ao mesmo tempo em que as pessoas procuram se relacionar, também temem as consequências desse relacionamento. Com a mesma intensidade com que querem se relacionar, também desejam que essa relação seja leve e frouxa e, de preferência, sem sofrimento no decorrer e, se for o caso, no fim da relação.

A questão do tempo e da velocidade nos relacionamentos também é vista sob esse paradigma, pois não se fala mais de desejo. Agora, é o impulso que rege as relações, apressando a tomada de decisão e o desenrolar dos fatos. Diminui-se o tempo para esperas, negociações, concessões; visa-se ao interesse imediato.

[...] É como num *shopping*: os consumidores hoje não compram para satisfazer um desejo, como observou Harvie Ferguson — compram por impulso. Semear, cultivar e alimentar o desejo leva tempo (um tempo insuportavelmente prolongado para os padrões de uma cultura que tem pavor em postergar, preferindo a “satisfação instantânea”). O desejo precisa de tempo para germinar, crescer e amadurecer. Numa época em que o “longo prazo” é cada vez mais curto, ainda assim a velocidade de maturação do desejo resiste de modo obstinado à aceleração. O tempo necessário para o investimento no cultivo do desejo dar lucros parece cada vez mais longo — irritante e insustentavelmente longo. (BAUMAN, 2004, p.13).

Essa velocidade nas relações é motivada pela ânsia da satisfação instantânea do impulso. Assim como nas compras em *shopping center*, as relações são vistas como mercadorias a serem consumidas e descartadas, à medida que não mais servirem ao seu comprador ou, ainda, à proporção que novos modelos e opções sejam lançados no mercado (BAUMAN, 2004). A tecnologia, com a possibilidade dos relacionamentos virtuais, incentiva e facilita a falta de compromisso.

[...] Diferentemente dos “relacionamentos reais” é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”. Em comparação com a “coisa autêntica”, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar,

compreender e manusear. Entrevistado a respeito da crescente popularidade do namoro pela Internet, em detrimento dos bares para solteiros e das seções especializadas dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma vantagem decisiva da relação eletrônica: “Sempre se pode apertar a tecla de deletar”. Como que obedecendo à lei de Gresham, as relações virtuais falem cada vez mais (auxiliadas e conduzidas pelos doutos especialistas) em conexões, ou “conectar-se” e “ser conectado”. Em vez de parceiros, preferem falar em “redes”. (BAUMAN, 2004, p.8).

Toda essa ideia de relacionamento, nos moldes do paradigma de relações de consumo, traz o paralelo entre investimento e relacionamento o que justifica a forma como as pessoas, hoje, enxergam as despesas com seus dependentes, filhos e pais, procurando encontrar “melhores” opções para gastar o dinheiro, como se o referencial financeiro englobasse todas as necessidades humanas.

Neste paralelo, se questionam as juras de lealdade dos relacionamentos amorosos, pois, como ser fiel se, com os investimentos, a lógica é outra? Há também o sentimento de incerteza que as relações ensejam. Como saber se a decisão tomada foi certa e como garantir segurança dentro de uma relação amorosa? Não há como se esquivar dos erros, não há a segurança das informações, como num equívoco nas aplicações financeiras, por exemplo (BAUMAN, 2004). O que há é a inteira responsabilização por seus erros e a convivência pacífica com as ambiguidades dos relacionamentos, o que, para as relações fluidas, é grande demais para ser suportado. Isso produz o afastamento das pessoas de relações amorosas aos moldes tradicionais, que preservam a fidelidade e a exclusividade, valores estranhos às formas líquidas de se relacionar.

Não dá para fugir a esse estreitamento no modo de se encarar o ser humano, suas necessidades e seus relacionamentos. Resta-nos, então, refletir se esse modo de encarar e viver os relacionamentos traz felicidade. Para onde o ser humano caminha? Que opções a essa forma de se relacionar existem na sociedade contemporânea?

Essas perguntas fazem um alerta e convidam a se refletir, se essa forma de amar garante a tão sonhada felicidade. Será que felicidade é a que o ser humano tenta defender por meio da validação do seu impulso? Existe essa pretensa felicidade, que despreza o sofrimento e cria a ilusão de constante satisfação individualista e imediata? Como nos alerta o próprio Sociólogo polonês: “[...] isso não traz felicidade aos homens e

mulheres que se rendem a essa pressão; dificilmente se poderia imaginá-los mais felizes agora do que quando se envolviam nas relações pré-virtuais". (BAUMAN, 2004, p. 8). O espaço virtual, na verdade, é amorfo, não tem fronteiras nem limites claros; a liquidez diz respeito a uma substância sem forma estabelecida, fluida, que se molda de acordo com o ambiente em que se insere; tem-se como exemplo um camaleão que muda de cor a fim de se assemelhar com o ambiente ao seu redor, ao que se nomeia mimetismo; não tem consistência e solidez. Configuram-se aí traços contemporâneos do amor líquido, consoante é tratado por Bauman (2004, 2011).

4 *Caritas*: O ideal das relações amorosas cristãs

Entender como o cristão compreende o amor torna-se fundamental para este estudo, pois conduz a se ter uma contraposição do significado da palavra amor, mediante a identificação das diferenças entre o amor *caritas* e o amor líquido.

Antes de se debruçar sobre o conceito teológico de amor, cumpre se refletir sobre o conceito de homem que o papa Bento XVI (2006) considera nas suas reflexões acerca do amor.

O homem torna-se realmente ele mesmo, quando corpo e alma se encontram em íntima unidade; o desafio do *eros* pode considerar-se verdadeiramente superado, quando se consegue esta unificação. Se o homem aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animalesca, então espírito e corpo perdem a sua dignidade. E se ele, por outro lado, renega o espírito e conseqüentemente considera a matéria, o corpo, como realidade exclusiva, perde igualmente a sua grandeza. (...) Mas, nem o espírito ama sozinho, nem o corpo: é o homem, a pessoa, que ama como criatura unitária, de que fazem parte o corpo e a alma. Somente quando ambos se fundem verdadeiramente numa unidade, é que o homem se torna plenamente ele próprio. Só deste modo é que o amor — o *eros* — pode amadurecer até à sua verdadeira grandeza. (BENTO XVI, 2005, §5).

A perspectiva do amor *caritas* nos dá uma dimensão temporal eterna, pois transcende o presente, ampliando a consideração pela vida, bem diferente do conceito que se sobressai na sociedade contemporânea, ao assinalar uma concepção materialista do homem, que reduz o ser humano e o humilha, ignorando, precisamente, aquilo que é mais especificamente humano: sua necessidade de amar e de amor. Quando a vida é reduzida apenas à dimensão temporal se comporta como um

campo de luta pela existência, de procura aflita pelo lucro (BENTO XVI, 2006).

A palavra amor possui vasto campo semântico, mas o amor entre o homem e a mulher se manifesta como “(...) o arquétipo de amor por excelência” (BENTO XVI, 2006, §2). Numa de suas primeiras observações acerca do amor *caritas*, o Papa em questão ressalta uma intercessão do amor em relação ao divino, com a promessa de infinito e de eternidade, mas que tal promessa não é passível de realização se somente o instinto predomina. “São necessárias purificações e amadurecimentos, que passam também pela estrada da renúncia. Isto não é rejeição do *eros*, não é o seu « envenenamento », mas a cura em ordem à sua verdadeira grandeza”. (BENTO XVI, 2006, §5).

Há uma dinâmica no amor, que se inicia com desejos egoístas, como uma busca pela felicidade própria, por si mesmo, até que vai ao encontro do outro, de cuidar, de estar disposto até mesmo ao sacrifício em nome do amor. O amor pretende alcançar a eternidade, o seu tempo é outro, além de possuir um desejo de exclusividade.

Na realidade, *eros* e *ágape* — amor ascendente e amor descendente — nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Embora o *eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, ascendente — fascinação pela grande promessa de felicidade — depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais dele, doar-se-á e desejará « existir para » o outro. Assim se insere nele o momento da *ágape*; caso contrário, o *eros* decai e perde mesmo a sua própria natureza. Por outro lado, o homem também não pode viver exclusivamente no amor oblato, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom. Certamente, o homem pode — como nos diz o Senhor — tornar-se uma fonte donde correm rios de água viva (cf. Jo 7, 37-38); mas, para se tornar semelhante fonte, deve ele mesmo beber incessantemente da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (cf. Jo 19, 34). (BENTO XVI, 2006, §7).

Conclui-se, então, que o amor só existe com essas duas dimensões, que convivem harmonicamente na medida certa, ora uma ou outra irá

sobressair, mas sem que haja uma prevalência nem separação, pois, assim, haveria uma descaracterização do amor.

Devemos atentar para o fato de que “[...] o mandamento do amor só se torna possível porque não é mera exigência: o amor pode ser « mandado », porque antes nos é dado”. (BENTO XVI, 2006, §14). Deus nos amou primeiro, e continua a ser o primeiro a nos amar; por isso, também podemos responder com o amor. Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor, e desta « antecipação » de Deus pode, como resposta, despontar também em nós o amor (BENTO XVI, 2006, §17).

Além disso, o homem só consegue esse amor pleno à medida que se une a Deus, não se confundindo mas, pelo contrário, se afirmando numa unidade com Deus. E é nessa unidade que se encontra o amadurecimento do amor humano.

O amor, portanto, ultrapassa a dimensão sentimental, pois, se assim o fosse, os sentimentos iriam e viriam ao seu bel-prazer, não caracterizando a realidade madura do ato de amar: a de abarcar a totalidade humana, a vontade, o intelecto e o sentimento. O amor leva a uma comunhão entre as pessoas e, principalmente, entre Deus e a pessoa, o que leva à convergência de vontades, na qual a vontade de Deus não vem de fora, não é estranha, passa a ser a própria vontade da pessoa, fundamentada na experiência de que Deus é mais conhecedor do ser humano do que a própria pessoa, o que enseja a confiança em Deus, o abandono a Ele como fundamento da alegria (BENTO XVI, 2006).

O amor cristão, portanto, engloba querer, agir e pensar, tomando a pessoa como um todo e a unificando com Deus. Não é uma exigência, é, antes de tudo, uma experiência de amor que brota do interior do ser e que precisa ser comunicada ao outro. O amor cresce por ele mesmo, vem de Deus e nos une a Ele, superando qualquer divisão e nos transformando em um nós que busca a unidade em Deus.

Além disso, quem falou que o ser humano não necessita ser amado? É por intermédio desta união com Deus que se consegue transmitir este amor, pois, se não se possui amor, corre-se o risco de somente ver no outro uma pessoa qualquer e não Deus, que nele habita. Amar a Deus e amar ao próximo constituem um só mandamento, são inseparáveis. Ambos, porém, se abastecem do amor primeiro com o qual Deus nos amou.

5 Resultados

Na primeira etapa da pesquisa, foram selecionadas as seguintes categorias como forma de proceder à análise comparativa entre os dois conceitos estudados – liberdade, responsabilidade, sentido da vida e capacidade de sofrimento – extraídas do referencial teórico da Logoterapia.

No percurso da análise dos dados, e em virtude da sua abrangência, foram eleitas mais quatro categorias para exame: abertura ao transcendente, dinâmica do amor, velocidade das relações amorosas, além da própria definição conceitual de amor.

Em todo conhecimento psicológico estruturado, torna-se fundamental saber que o conceito de homem é trabalhado pelas abordagens ou teorias a fim de se colocar perante o conhecimento produzido. Portanto, conhecer como a Logoterapia concebe o ser humano é um dos prerequisites para se ficar ante suas proposições. Para a Logoterapia,

O homem é uma entidade bio-psico-espiritual. A logoterapia expressa assim o somato, psico e noogênese. O espiritual refere-se ao noos ou logos (nous) e pode ser chamado de noético. A espiritualidade é uma das dimensões do ser humano. O ser humano enquanto sujeito é existencial-espiritual. O espiritual vai mais além do religioso ou do supranatural. (XAUSA, 1988, p. 123).

Dito isto, se pode compreender, então, que para a Logoterapia,

O ser humano não é uma coisa entre outras, coisas se determinam mutuamente, mas o ser humano, em última análise, se determina a si mesmo. Aquilo que ele se torna – dentro dos limites dos seus dons e do meio-ambiente – é ele que faz de si mesmo. No campo de concentração, por exemplo, nesse laboratório vivo e campo de testes que ele foi, observamos e testemunhamos alguns dos nossos companheiros se portarem como porcos, ao passo que outros agiram como se fossem santos. A pessoa humana tem dentro de si ambas as potencialidades; qual será concretizada, depende de decisões e não de condições. (FRANKL, 2003, p.114).

Portanto, aqui se deparam dois conceitos fundamentais para a Logoterapia – a liberdade e a responsabilidade. O ser humano é livre, ou seja, não determinado por condicionantes, pois tem o poder de decidir como quer viver e, portanto, tem a responsabilidade por essa decisão.

A Logoterapia tem como centro a busca do significado da existência humana, mediante a busca de sentido por parte do homem. *Logos* significa sentido, significado ou propósito. Nela, a vontade de sentido predomina sobre a vontade de prazer, que é o centro da Psicanálise de Sigmund Freud, e sobre a vontade de poder, defendida por Alfred Adler.

Nesta perspectiva, para a Logoterapia, o sofrimento possui uma função à medida que também encerra um sentido na vida da pessoa. “[...] Sofrer, pois, significa agir, crescer e amadurecer”. (XAUSA, 1988, p. 164). Assim sendo, torna-se importante a habilidade de lidar com o sofrimento: não imergir em desespero, empenhar-se para superá-lo e, se não for possível vencê-lo, aceitá-lo ao ser capaz de encontrar diante do mesmo sentido, o qual transparecerá nas atitudes engrandecedoras tomadas pelo sujeito.

Para essa teoria, o sofrimento é uma

[...] tarefa sua, única e original. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é única e exclusiva em todo o cosmo dentro deste destino sofrido. Ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento. Mas na maneira como ela própria suporta este sofrimento está também a possibilidade de uma realização única e singular. (FRANKL, 2003, p.114).

O quadro seguinte mostra, de forma compilada, as principais características de cada categoria, de acordo com as duas denominações de amor analisadas.

Categorias	Amor Líquido	Amor Caritas
Conceito	Experiência amorosa que se constitui como uma mercadoria, que fascina por não evocar nenhum sofrimento, além de ter a possibilidade de ser descartável.	O amor não é apenas sentimento. Abrange a totalidade do ser humano: vontade, sentimento e pensamento.
Abertura ao transcendente	O que importa é o aqui e agora, a satisfação corpórea; individualismo e narcisismo exacerbado (amor-próprio desmedido).	Deus é amor e, porque Ele nos amou, podemos amar o próximo como a nós mesmos. Descoberta do outro. Amar ao próximo como a si mesmo.

Capacidade de sofrimento	Evitação do sofrimento, “indolor”. O amor que promete desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.	Torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes, procura-o.
Dinâmica do amor	Ênfase no <i>eros</i> , reduzindo-o ao corpo, que deixa de estar integrado ao ser. O <i>ágape</i> (gratuidade e perdão) não é reconhecido como dimensão do amor.	De <i>eros</i> para <i>ágape</i> . Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, mais se realiza a verdadeira natureza do amor.
Liberdade	Fala-se em redes, em se conectar e desconectar, numa liberdade sem responsabilidade; laços frouxos e fluídos.	De ser “para sempre”, definitivo, relação de exclusividade mútua.
Responsabilidade	Como nas relações virtuais, transparecem facilidade de entrar e sair.	Compromisso, capacidade de responder aos atos exercidos.
Sentido de vida	O sentido se resume à razão do interesse próprio e da busca de “felicidade”: individualista, imediatista e hedonista.	O sentido ultrapassa essa existência e é respaldado pela dimensão espiritual do ser humano.
Capacidade de vinculação	Fugaz, desmancha-se facilmente, laços frouxos. Há um predomínio da quantidade sobre a qualidade das relações.	Laços permanentes, exclusivos e que visam à dimensão eterna.

Alteridade	O outro é um mero objeto de necessidades pessoais. Estou com ele à medida que satisfaz os desejos egóicos.	O outro é uma pessoa e a relação ultrapassa os interesses pessoais. Há respeito e cuidado, pois o outro é tido como semelhança e imagem de Deus.
-------------------	--	--

Fonte: Elaboração própria.

6 Discussão

Este estudo comparativo entre as duas denominações de amor demonstrou que existem significativas diferenças que alteram a forma de vivência daquilo que dependendo de escolhas, até mesmo diametralmente opostas na contemporaneidade, pode-se chamar de amor.

Na categoria conceito, aparece-nos uma das diferenças fundamentais da análise. Porque o amor, em sua forma líquida, aparece como experiência capitalista, na qual prevalecem a vontade individualista, o desejo, o impulso, independentemente das dimensões do pensamento e do sentimento, o que desconecta o sujeito de si mesmo, do outro e do transcendente, estabelecendo divisão e fragmentação. Já o amor *caritas*, procura integrar o ser humano em sua vontade, sentimento e pensamento, considerando a própria pessoa em sua inteireza, o outro e Deus.

Quanto à categoria abertura ao transcendente, que enfatiza a dimensão espiritual do ser humano, deve-se atentar para o fato de o amor, na sua forma teológica, aparecer como dom de Deus, no qual o homem é concebido como necessitado de Sua graça para usufruir do amor. Há uma valorização da alteridade, na mesma medida em que existe o amor-próprio: não se pede para amar o próximo mais que a si mesmo ou vice-versa. Visa-se um equilíbrio nas duas medidas, a fim de harmonizar a relação, além de que a certeza de que se é primeiramente amado é o que possibilita amar o outro.

No que concerne ao amor líquido, embalado pela fraqueza humana da vaidade, provoca um narcisismo exacerbado por via do individualismo, tão prejudicial para o ser humano quanto para a sua relação com os outros. Além disso, reduz o homem ao corpo, à matéria, tornando obscura a dimensão transcendente do ser e, portanto, estreitando suas possibilidades de liberdade e de constituição de novos sentidos de vida e de morte, tão necessários para o equilíbrio psicológico.

Ao analisar a categoria dinâmica do amor, constata-se que a principal repercussão sucede na forma como as conceituações concebem o ser humano. Por um lado, no amor líquido, concede-se ênfase especial ao corpo, à matéria, reduzindo o ser humano à dimensão biológica. Por outro lado, o amor *caritas* considera a natureza humana bem mais complexa e integra as duas dimensões do amor, *ágape* e *eros*, validando as relações básicas e vitais da existência humana, ao mesmo tempo em que reconhece seu caráter de renúncia, gratuidade e perdão.

As categorias liberdade e responsabilidade são intrinsecamente vinculadas para o amor *caritas*, pois as consequências daquilo que se faz com liberdade devem ser assumidas com responsabilidade pelo sujeito. A proposta das relações líquidas, em contrapartida, prometem laços frouxos, sem necessidade de compromisso com as relações estabelecidas. O que há é a satisfação imediata de desejos e impulsos, sem nenhuma alusão a compromissos ou à assunção das consequências que poderão advir de uma relação amorosa.

Na categoria sentido de vida, com suporte na Logoterapia, ressalta-se a dimensão espiritual do ser humano como uma das possibilidades de encontrar sentido para o vivido. Para Frankl (2003), a vontade de sentido, no ser humano, é superior ao princípio do prazer, de Sigmund Freud; ou seja, o homem busca sentido para sua vida, bem mais do que o prazer – e isso justifica aceitar a renúncia e o sacrifício em nome do amor.

Identifica-se um ofuscamento da realidade, na forma fluida das relações, revelada por intermédio da categoria capacidade de sofrimento, na qual o sofrimento humano não é tido como parte da existência humana, negando as fragilidades inerentes à existência, como a morte e o adoecimento, por exemplo, e induzindo as pessoas ao erro, por se iludirem na busca de um amor sem sofrimento, nem dor e renúncia. Além disso, essa concepção explícita que o sofrimento, na sociedade contemporânea, é tido como exceção, algo que não era para acontecer, como um fracasso, reduzindo-se sua real dimensão e dificultando a forma como a pessoa deve aprender a lidar com o sofrimento inerente à vida. É diverso do amor *caritas*, que considera o sofrimento e a renúncia, em vista do bem do outro, necessários para o próprio amadurecimento do amor.

No que diz respeito à capacidade de se vincular, percebe-se que no amor líquido os laços amorosos somente duram enquanto não houver sofrimento nem quebra dos interesses narcísicos de um dos amantes, já no amor *caritas*, a capacidade de pertença tem amplitude permanente,

visando ao eterno. Dá-se ênfase, no amor *caritas*, ao caráter exclusivo na relação, em detrimento de novos relacionamentos fúgezes.

E, por fim, a categoria alteridade revela a forma como o ser humano considera o outro na relação. No amor líquido, esse outro é apenas considerado em função de satisfazer necessidades, reduzindo-se a um mero instrumento de desejos, descartável a qualquer momento. Enquanto isso, no amor *caritas*, o outro é imagem e semelhança de Deus, portanto, digno de respeito e cuidado, numa relação que ultrapassa a realização egoísta de interesses.

Todas essas formas de se encarar o ser humano, consideradas pelo amor líquido, o reduzem a um objeto, contribuindo para uma visão utilitarista, que acarreta sérias consequências para as relações humanas, à medida que assemelha o ser humano a uma mercadoria, que pode ser usada, descartada de forma indolor, sem nenhum problema de consciência, haja vista o sofrimento não fazer parte dos significados e sentidos dessa nova humanidade contemporânea que, além do mais, possui como valor supremo a prevalência de sua vontade narcísica.

7 Considerações finais

Este ensaio aponta para importantes noções acerca das relações amorosas pautadas na fluidez e aquelas alicerçadas no amor *caritas*. Apesar de uma semelhança quanto ao início do amor, de *eros* para *ágape*, explicitado na categoria dinâmica do amor, pode-se logo perceber que tal evolução do amor não acontece para os adeptos do amor líquido, que possuem como foco das relações a busca imediata do prazer e a superficialidade dos vínculos.

Além disso, a principal diferença entre os dois conceitos reside na forma de se encarar o ser humano. Enquanto, no amor líquido, o ser humano é definido em seus aspectos biológicos e materiais, no amor *caritas*, são consideradas as dimensões biopsíquicoespirituais, também contempladas na Logoterapia, visando à integralidade da pessoa humana. Essa diferença na forma de se encarar o ser humano, defendida e propagada de modo atraente pelo amor líquido, constitui uma séria ameaça à dignidade humana, já que limita o ser humano às questões materiais e biológicas, abrindo espaço para as mais diversas formas de manipulação das relações entre os sujeitos.

Um dos grandes desafios no estudo das relações amorosas é compreender as repercussões que a forma de se viver e pensar o amor

traz para a família e a sociedade como um todo. Novas configurações de relacionamentos alteram a constituição psíquica e os processos de subjetivação. Portanto, estudar a forma como o amor é vivenciado na sociedade contemporânea, em especial, na sociedade brasileira, fornece subsídios para estudos posteriores, a fim de verificar em que medida e de que forma tal percepção repercute no bem estar biopsicossocial. Assim como, possibilitar serem encontradas estratégias de enfrentamento de problemáticas, que crescem vertiginosamente como demanda nos consultórios psicológicos, diretamente relacionadas às formas como se compreende e se vivencia o amor.

Interessante torna-se este estudo, então, em vista do desenvolvimento de posteriores pesquisas referentes ao tema, bem como ensejará compreensões acerca das relações humanas de forma geral. Pode interessar, inclusive, aos estudos e intervenções sobre família, na medida em que o entendimento maior da forma de se encarar e vivenciar o amor traz luzes para conjunções de problemas humanos.

Referências Bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas Est**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANKL, V. E. **Em Busca de Sentido**: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

REY, F. L. G. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.

ROCHA, L. D. L. de A. **A experiência de lazer para adolescentes inseridos em contextos violentos**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2009.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A Construção do Saber**. Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PAREDES, José Cristo Rey García Paredes. **O que Deus uniu**. Lisboa: Editora Paulus, 2006.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **A Psicologia do Sentido da Vida**. Petrópolis: Vozes, 1988.

**Esp. Prescilla Rocha de Sousa*

Graduada em Psicologia. cursou Especialização em Família: Interfaces Psicológicas e Teológicas pela Faculdade Católica de Fortaleza – FCF.

***Profa. Ms. Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo Rocha*

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Unifor), Mestra e graduada em Psicologia. Professora de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade Católica de Fortaleza – FCF.